

Classes sociais e escolhas

PRISCILA LAPA
SANDRO PRADO

Qual classe social tem o poder de decidir a eleição presidencial no Brasil? Esse debate, como todos os outros acerca dos comportamentos coletivos, guarda complexidades que transitam entre aspectos quantitativos e qualitativos. As numerosíssimas classes D e E se tornaram mais numerosas na última década e já ultrapassam a soma dos outros estratos sociais brasileiros (A, B e C).

A Classe C, de acordo com a Tendências Consultoria, é formada pelas famílias que têm renda mensal domiciliar entre R\$ 2.900 e R\$ 7.100; e, pelos critérios da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), constitui-se pelas famílias que possuem renda familiar entre R\$ 2.284 e R\$ 9.847.

A questão que interfere diretamente nas escolhas dos indivíduos é: com esta renda dá para fazer muita coisa? Cada vez dá para fazer menos e isso alimenta a percepção de perda do bem-estar econômico. Reajustes sucessivos da Taxa de Juros Selic, pelo Banco Central, hoje em 12,75% ao ano, não são suficientes e sequer o instrumento correto para evitar a rápida

O que pode surpreender, no cenário eleitoral de 2022, é a dissonância entre o desejo do eleitor e as opções ao seu dispor.

redução do poder de compra da Classe Média, com a escalada de preços sem precedentes, pós Plano Real.

Em 2020, a classe C teve queda de 3,8% na renda domiciliar, seguida por retração ainda maior em 2021, de 6,3%. No ano de 2022, a perda deverá ser bem maior com a inflação média de 11,3%, acumulada nos 12 últimos meses. Gastos com lazer e cultura tiveram que ser revisitos e suprimidos. Gastos com Saúde e Educação, no mínimo, reduzidos.

Mas certamente a base

da pirâmide não vive situação melhor. De acordo com a Tendências Consultoria, no ano passado, as classes D/E equivaliam juntas a 51,3% da população, com 37,2 milhões de domicílios brasileiros. Esse público perdeu 15% de sua massa de poder aquisitivo. O Brasil empobreceu.

E como as visões de mundo dessas classes afetam as suas escolhas políticas e eleitorais? Pesquisas qualitativas e quantitativas apontam que boa parte (44%) dos indivíduos desse estrato de renda dizem não ter posicionamento ideológico, o que pode levá-los a fazer escolhas eleitorais muito mais “pragmáticas”. Se individualmente não há escolha simples, o que dizer das escolhas coletivas? A divisão de classes no Brasil não é exatamente uma novidade e nem o pragmatismo do eleitor brasileiro. O que pode surpreender, no cenário eleitoral de 2022, é a dissonância entre o desejo do eleitor e as opções ao seu dispor. Quando as opções disponíveis não são as que satisfazem, a escolha se dá para evitar o que se considera o pior.

● **Priscila Lapa**, cientista política, Sandro Prado, economista.